

Itália

OU

“DIGA COMO SE ESTIVESSE COMENDO.”

OU

TRINTA E SEIS HISTÓRIAS SOBRE A BUSCA DO PRAZER

1

Tu queria que Giovanni me beijasse. Ah, mas são tantos os motivos que fariam disso uma péssima idéia... Para começar, Giovanni é dez anos mais novo do que eu, e – como a maior parte dos rapazes italianos de vinte e poucos anos – ainda mora com a mãe. Só esses dois fatos já fazem dele um parceiro romântico improvável para mim, já que sou uma americana de trinta e poucos anos que trabalha, acaba de passar por um casamento falido e por um divórcio arrasador e interminável, imediatamente seguido por um caso de amor apaixonado que terminou com uma dolorosa ruptura. Todas essas perdas, uma atrás da outra, deixaram em mim uma sensação de tristeza e fragilidade, e a impressão de ter mais ou menos 7 mil anos de idade. Por uma simples questão de princípios, eu não importaria essa minha pessoa desanimada, derrotada e velha ao adorável, inocente Giovanni. Sem falar que eu finalmente havia chegado à idade em que uma mulher começa a questionar se a maneira mais sensata de superar a perda de um lindo rapaz de olhos castanhos é mesmo levar outro para sua cama imediatamente. É por isso que já faz muitos meses que estou sozinha. É por isso, na verdade, que decidi passar este ano inteiro sozinha.

Diante do que o observador mais arguto poderá perguntar: “Então por que você veio para a *Itália*?”

E tudo que posso responder – sobretudo quando olho para o belo Giovanni do outro lado da mesa – é: “Boa pergunta.”

Giovanni é meu parceiro de intercâmbio de línguas. Isto pode parecer uma insinuação, mas infelizmente não é. Tudo o que realmente significa é que nós nos encontramos algumas noites por semana aqui em Roma para praticar o idioma um do outro. Primeiro conversamos em italiano, e ele é paciente comigo; em seguida, conversamos em in-

glês, e eu sou paciente com ele. Descobri Giovanni algumas semanas depois de ter chegado a Roma, graças ao grande cybercafé da Piazza Barbarini, do outro lado da rua, em frente àquele chafariz com a escultura de um homem com rabo de peixe soprando sua concha. Ele (Giovanni, não o homem com rabo de peixe) fixara um anúncio no quadro de avisos explicando que um italiano nativo estava procurando alguém que falasse inglês para treinar conversação nas duas línguas. Logo ao lado do seu anúncio havia outro com o mesmo pedido, absolutamente idêntico em cada palavra, e até na fonte usada. A única diferença era a informação para contato. Um dos anúncios trazia o endereço eletrônico de um tal Giovanni; o outro tinha o nome de um tal Dario. Mas até o número do telefone residencial era o mesmo.

Usando meus aguçados poderes de intuição, mandei um *e-mail* para os dois homens ao mesmo tempo, perguntando, em italiano: “Será que vocês são irmãos?”

Foi Giovanni quem respondeu com este texto muito *provocativo*: “Melhor ainda. Gêmeos!”

Sim – muito melhor. Gêmeos idênticos de 25 anos, altos, morenos e lindos, conforme vim a descobrir, com aqueles gigantescos olhos castanhos de pupilas líquidas que os italianos têm e que simplesmente me tiram o chão. Depois de conhecer os rapazes pessoalmente, comecei a me perguntar se por acaso eu deveria ajustar um pouquinho minha regra quanto a permanecer solteira durante este ano. Por exemplo, talvez eu pudesse permanecer totalmente solteira *exceto* pelo fato de ter dois lindos irmãos italianos de 25 anos como amantes. Isso me lembrava um pouco um amigo meu que é vegetariano, mas come bacon, e no entanto... Eu já estava escrevendo a minha carta para o fórum de alguma revista masculina:

Em meio à penumbra bruxuleante iluminada pelas velas do café romano, era impossível dizer de quem eram as mãos que acariciavam...

Mas não.

Não, não, não.

Interrompi a fantasia no meio. Aquele não era o momento para eu arrumar uma história de amor e (conseqüência óbvia e inevitável) com-

plicar ainda mais minha já tão enrolada vida. Aquele era o momento para eu procurar o tipo de cura e paz que só podem vir da solidão.

De todo modo, àquela altura, em meados de novembro, o tímido e estudioso Giovanni e eu já havíamos nos tornado grandes amigos. Quanto a Dario – o mais extrovertido e festeiro dos dois irmãos –, eu o apresentei à minha encantadora amiguinha sueca, Sofie, e o modo como eles têm compartilhado as *suas* noites em Roma é outro tipo completamente diferente de intercâmbio. Mas Giovanni e eu só fazemos conversar. Bom, comer e conversar. Já faz várias agradáveis semanas que temos comido e conversado, dividindo pizzas e gentis correções gramaticais, e a noite de hoje não foi nenhuma exceção. Uma noite maravilhosa regada a novos idiomas e *mozzarella* fresca.

Agora é meia-noite e o tempo está enevoadado, e Giovanni me acompanha até meu apartamento por aquelas ruelas de Roma que serpenteiam de forma natural em volta dos antigos prédios como pequenos riachos coleando ao redor das sombras formadas pelos densos bosques de ciprestes. Agora estamos diante da minha porta. Estamos de frente um para o outro. Ele me dá um abraço caloroso. A coisa já evoluiu; durante as primeiras semanas, ele só fazia apertar minha mão. Acho que, se eu ficasse na Itália por mais três anos, poderia até ser que ele tomasse coragem para me beijar. Por outro lado, ele poderia simplesmente me beijar agora mesmo, esta noite, aqui mesmo junto à minha porta... ainda há uma chance... quero dizer, nossos corpos estão colados sob o luar... e é claro que isso seria um erro *terrível*... mas mesmo assim o fato de ele poder realmente fazer isso agora é uma possibilidade tão maravilhosa... ele poder simplesmente se curvar... e... e...

Que nada.

Ele solta o abraço.

– Boa-noite, cara Liz – diz ele.

– *Buona notte, caro mio* – respondo.

Subo as escadas até meu apartamento no quarto andar, sozinha. Entro no meu pequenino quitinete, sozinha. Fecho a porta atrás de mim. Mais uma noite solitária em Roma. Mais uma longa noite de so-

no pela frente, sem ninguém nem nada na minha cama a não ser uma pilha de guias de conversação e dicionários de italiano.

Estou sozinha, inteiramente sozinha, completamente sozinha.

Ao absorver essa realidade, largo minha bolsa, caio de joelhos e encosto a testa no chão. Ali, ofereço ao universo uma fervorosa oração de agradecimento.

Primeiro, em inglês.

Em seguida, em italiano.

E então – só para ter certeza – em sânscrito.

2

Tuma vez que já estou ali ajoelhada no chão em posição de súplica, deixem-me manter essa posição enquanto viajo no tempo até três anos atrás, até o instante em que toda esta história começou – um instante que também me encontrou nessa mesma exata posição: de joelhos, no chão, rezando.

No entanto, tudo o mais em relação à cena de três anos atrás era diferente. Daquela vez eu não estava em Roma, mas sim no banheiro do andar de cima da grande casa no subúrbio de Nova York que eu acabara de comprar com meu marido. Eram mais ou menos três horas da manhã de um novembro gelado. Meu marido dormia na nossa cama. Eu estava escondida no banheiro pelo que deveria ser a 47ª noite consecutiva, e – como em todas aquelas outras noites – estava soluçando. Soluçando com tanta força, na verdade, que uma grande poça de lágrimas e muco se espalhava à minha frente sobre os ladrilhos do banheiro, um verdadeiro lago formado por toda minha vergonha, medo, confusão e dor.

Eu não quero mais estar casada.

Eu estava tentando tanto não saber isso, mas a verdade continuava a insistir.

Eu não quero mais estar casada. Não quero morar nesta casa grande. Não quero ter um filho.

Mas todos esperavam que eu quisesse ter um filho. Eu estava com 31 anos. Meu marido e eu – estávamos juntos havia oito anos, sendo seis casados – havíamos construído nossa vida inteira com base na expectativa comum de que, uma vez superada a avançada marca dos 30 anos, eu iria querer sossegar e ter filhos. Ambos esperávamos que, a essa altura, eu já tivesse me cansado de viajar e fosse ficar feliz em morar em uma casa grande e barulhenta, cheia de crianças e de colchas feitas a mão, com um jardim nos fundos e um reconfortante ensopado borbulhando em cima do fogão. (O fato de esse ser um retrato bastante fiel da minha mãe é um indicador rápido de como antigamente era difícil para mim perceber a diferença entre eu mesma e a poderosa mulher que havia me criado.) Mas eu não queria nenhuma dessas coisas – e estava arrasada por estar me dando conta disso. Pelo contrário: meus 20 anos haviam chegado ao fim, aquele prazo final dos 30 havia se abatido sobre mim como uma sentença de morte, e eu descobri que não queria engravidar. Continuava esperando querer ter um filho, mas isso não acontecia. E eu conheço a sensação de querer alguma coisa, podem acreditar. Sei muito bem o que é desejo. Mas esse desejo não existia. Além do mais, eu não conseguia parar de pensar no que minha irmã tinha me dito certo dia, enquanto amamentava seu primogênito: “Ter um filho é como fazer uma tatuagem na cara. Você precisa realmente ter certeza de que é isso que você quer antes de se comprometer.”

Mas como eu poderia voltar atrás agora? Tudo estava no lugar certo. Supostamente, aquele deveria ser o ano. Na verdade, já vínhamos tentando engravidar havia alguns meses. Mas nada tinha acontecido (exceto pelo fato de – em um arremedo quase sarcástico de uma gravidez – eu estar tendo enjôos matinais psicossomáticos e vomitando meu café-da-manhã todos os dias, aflita). E todo mês, quando eu ficava menstruada, via-me sussurrando furtivamente no banheiro: *Obrigada, obrigada, obrigada, obrigada por me dar mais um mês de vida.*

Eu vinha tentando me convencer de que isso era normal. Todas as mulheres devem se sentir assim quando estão tentando engravidar, concluí. (“Ambivalente” foi a palavra que usei, evitando a descrição muito mais exata: “inteiramente dominada pelo pânico”.) Vinha ten-

tando me convencer de que os meus sentimentos eram comuns, apesar de todas as provas em contrário – como a conhecida com quem eu havia esbarrado na semana anterior, que acabara de descobrir que estava grávida do primeiro filho depois de gastar dois anos e rios de dinheiro em tratamentos de fertilidade. Ela estava em êxtase. Sempre desejara ser mãe, disse-me. Admitiu que vinha comprando roupinhas de bebê secretamente havia anos, e escondendo-as debaixo da cama, onde seu marido não as encontraria. Vi a alegria em seu rosto e a reconheci. Era uma alegria idêntica à que meu próprio rosto havia irradiado na primavera anterior, no dia em que descobri que a revista para a qual eu trabalhava iria me mandar para a Nova Zelândia para escrever um artigo sobre a busca por uma lula gigante. E pensei: “Até o dia em que eu conseguir sentir o mesmo êxtase em relação a ter um filho que senti em relação a ir para a Nova Zelândia atrás de uma lula gigante, não posso ter um filho.”

Eu não quero mais estar casada.

Durante o dia, eu recusava essa idéia, mas à noite ela me consumia. Que catástrofe. Como eu podia ser uma imbecil criminosa a ponto de ir tão fundo em um casamento para no final me separar? Havíamos acabado de comprar aquela casa, um ano antes. Eu não tinha desejado aquela bela casa? Não tinha adorado aquela casa? Então, por que agora passava as noites assombrando seus corredores, uivando como Medéia? Eu não sentia orgulho de tudo o que havíamos acumulado – a elegante casa em Hudson Valley, o apartamento em Manhattan, as oito linhas telefônicas, os amigos, os piqueniques e as festas, os finais de semana percorrendo as gôndolas da hiperloja em forma de caixote preferida, comprando ainda mais aparelhos a crédito? Eu havia participado ativamente de cada instante da criação daquela vida – então, por que sentia que nada daquilo combinava comigo? Por que me sentia tão soterrada pelo dever, cansada de ser o arrimo do casal, a dona de casa, a coordenadora de eventos sociais, a que levava o cachorro para passear, a esposa e a futura mãe, e – em alguns poucos instantes roubados – a escritora...?

Eu não quero mais estar casada.

Meu marido dormia no quarto ao lado, na nossa cama. Eu o amava e não conseguia suportá-lo, em igual medida. Não podia acordá-lo para fazê-lo compartilhar o meu desespero – de que adiantaria? Já fazia meses que ele me via desmoronar, acompanhando meu comportamento de louca (ambos concordávamos com essa definição), e eu só o exauria. Ambos sabíamos que havia *alguma coisa errada comigo*, e ele estava perdendo a paciência com isso. Brigávamos e chorávamos muito, e estávamos cansados daquele jeito que só um casal cujo casamento está acabando pode ficar. Nossos olhos pareciam olhos de refugiados.

Os muitos motivos pelos quais eu não queria mais estar casada com aquele homem são pessoais demais e tristes demais para serem compartilhados aqui. Muitos deles tinham a ver com coisas minhas, mas uma boa parte dos nossos problemas tinha a ver também com as questões dele. Isso é natural; afinal de contas, há sempre duas pessoas em um casamento – dois votos, duas opiniões, dois conjuntos conflitantes de decisões, desejos e limitações. Mas não considero adequado discutir as questões dele no meu livro. Tampouco pediria a alguém para acreditar que sou capaz de relatar uma versão imparcial da nossa história, portanto, a crônica do fim do nosso casamento não será contada aqui. Também não discutirei aqui todos os motivos pelos quais eu *ainda* queria ficar casada com ele, nem todas as suas características maravilhosas, nem os motivos que me fizeram amá-lo e me casar com ele, nem os motivos pelos quais eu era incapaz de imaginar a vida sem ele. Não vou abrir nenhuma dessas gavetas. Basta dizer que, naquela noite, ele ainda era, em igual medida, meu farol e minha ave de mau agouro. A única coisa mais inconcebível do que ir embora era ficar; a única coisa mais impossível do que ficar era ir embora. Eu não queria destruir nada nem ninguém. Só queria sair de fininho pela porta dos fundos, sem causar alvoroço nem conseqüências, e depois só parar de correr quando chegasse à Groenlândia.

Sei que essa parte da minha história não é uma parte feliz. Mas eu a estou compartilhando aqui porque alguma coisa estava prestes a acontecer naquele chão de banheiro que iria mudar para sempre o curso da minha vida – quase como um daqueles superacontecimentos as-

tronômicos malucos, quando um planeta gira no espaço sideral sem nenhum motivo, e seu núcleo incandescente se modifica, reposicionando seus pólos e alterando radicalmente seu formato, de tal modo que a massa inteira do planeta se torna subitamente oblonga em vez de esférica. Alguma coisa assim.

O que aconteceu foi que comecei a rezar.

Rezar, sabem – tipo para *Deus*.

3

Aquilo foi uma estréia para mim. E, como esta é a primeira vez em que menciono no meu livro essa palavra tão carregada de sentido – DEUS –, e já que essa é uma palavra que vai aparecer muitas outras vezes nestas páginas, parece justo que eu faça uma pequena pausa aqui, só para que as pessoas possam decidir de uma vez o quão ofendidas precisam ficar.

Deixando para mais tarde a polêmica sobre se Deus de fato existe (não – tenho uma idéia melhor: vamos esquecer essa polêmica de uma vez por todas), deixem-me explicar primeiro por que uso a palavra Deus, quando poderia muito bem usar as palavras *Jeová, Alá, Shiva, Brahma, Vishnu* ou *Zeus*. Ou então, eu poderia chamar Deus de “Aquilo”, que é como fazem as antigas escrituras em sânscrito, e que considero traduzir bastante bem a entidade onipresente e inominável que algumas vezes já vivenciei. Mas esse “Aquilo” me parece impessoal – uma coisa, não um ser –, e eu própria não consigo rezar para um Aquilo. Preciso de um nome de verdade, para sentir totalmente que existe alguém presente. Pelo mesmo motivo, quando rezo, não ofereço minhas preces ao Universo, ao Grande Vazio, à Força, ao Ser Supremo, ao Inteiro, ao Criador, à Luz, ao Poder Maior, nem mesmo à mais poética das manifestações do nome de Deus, tirada, acho eu, dos evangelhos gnósticos: “A Sombra da Virada”.

Não tenho nada contra nenhum desses termos. Sinto que são todos equivalentes, porque são todos descrições igualmente adequadas e ina-